



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ELINE DE SOUZA GONÇALVES**

**LEITURA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE DA  
PERSONAGEM CONCEIÇÃO DE *O QUINZE*, DE RAQUEL DE  
QUEIROZ**

**MONTEIRO  
2019**

**ELINE DE SOUZA GONÇALVES**

**LEITURA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE DA  
PERSONAGEM CONCEIÇÃO DE *O QUINZE*, DE RAQUEL DE  
QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação em Letras-Português da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Letras-Português.  
Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da  
Silva.

**MONTEIRO - PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635l Gonçalves, Eline de Souza.  
Leitura e emancipação feminina [manuscrito] : uma análise da personagem Conceição de *O quinze*, de Raquel de Queiroz / Eline de Souza Goncalves. - 2019.  
27 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Emancipação feminina. 2. O Quinze (Romance). 3.  
Rachel de Queiroz (Escritora brasileira). 4. Mulher na literatura.  
I. Título

21. ed. CDD B869.3

## Leitura e emancipação feminina em *O Quinze* de Raquel de Queiroz

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

### BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: 30/10/19



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma Simone dos Santos Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por ter me proporcionado o prazer de poder vivenciar momentos inesquecíveis ao longo da minha vida acadêmica.

Aos meus pais Maria Josefa Gonçalves e Edgar Gonçalves Bezerra que sempre estiveram do meu lado me apoiando e dando força para que eu nunca desistisse, isso desde o ensino infantil até o término da graduação, sempre me incentivando e mostrando a importância do conhecimento.

Aos meus irmãos Edilson de Sousa Gonçalves, Eduardo de Sousa Gonçalves e Evaldo de Sousa Gonçalves que nunca me deixaram desanimar ao longo dessa jornada, também de forma muito especial agradeço aos meus sobrinhos Enzo Gabriel Campos Gonçalves e Davi Lucas Brito Gonçalves a quem dedico todo meu carinho e meu esforço para ser um exemplo de tia.

Ao meu orientador prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, a quem tenho eterna gratidão, por todos os ensinamentos ao longo do desenvolvimento da pesquisa. A você meu muitíssimo obrigada, serei eternamente grata.

A professora Simone dos Santos Alves Ferreira, que de forma benevolente ajudou na definição do tema, quando me vi em desespero em busca de amparo. A você meu muito obrigada.

E hoje de forma muito especial dedico a todos vocês esse título de graduada com todo orgulho que me preenche. Essa é uma conquista nossa.

Agradeço as amigas construídas durante a vida acadêmica, em especial as minhas companheiras de jornada, Vilmaria, Liliane, Evila, Danielle, Thaisa, Raysa, Adriana, e os companheiros, Anderson, Josemar e Thiago. Não sei descrever como teria sido esse curso sem vocês.

De maneira especial, agradeço as minhas amigas Joseilma, Flaine, Edileide e Maginória, que contribuíram para o meu sucesso me dando suporte emocional nos momentos mais desesperadores em minha jornada acadêmica, a vocês meu muitíssimo obrigada.

Meus sinceros agradecimentos aos meus professores do ensino infantil, fundamental, médio e também aos do cursinho pré-vestibular da cidade de Serra Branca, ao qual participei antes de ingressar na universidade.

E, por fim, minha eterna gratidão aos meus mestres da Universidade Estadual da Paraíba, a qual estive vinculada durante seis anos. A vocês, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço de forma muito especial a todos que contribuíram para hoje poder estar celebrando esse momento ímpar em minha vida.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na condição de oprimidas.

Simone de Beauvoir

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 LEITURA, EDUCAÇÃO E MULHER EM <i>O QUINZE</i>, DE RACHEL DE QUEIROZ.....</b>	<b>12</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>4 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

# LEITURA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM CONCEIÇÃO DE *O QUINZE*, DE RAQUEL DE QUEIROZ

Eline de Souza Gonçalves <sup>1</sup>  
Orientador. Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

## RESUMO

Este trabalho se insere no rol de pesquisas realizados acerca da representação da mulher no século passado. Para tanto, elegemos como objeto de estudo a personagem Conceição de *O Quinze*, Raquel de Queiroz, uma mulher que desafiou as regras comportamentais de uma sociedade machista. Para tal, tomamos como aporte teórico os estudos de Teles, (1993), D'Incao (1990), Barbosa, (1999). O objetivo é investigar como educação e leitura garantem à personagem Conceição conhecimento, poder e emancipação em um cenário avesso à liberação da mulher. Esperamos que nosso estudo possa contribuir com outras pesquisas que venham a ser realizadas acerca da representação da mulher em nossa sociedade.

**Palavras chave:** Emancipação feminina. Leitura. *O Quinze*.

## WOMEN'S LITERACY AND EMANCIPATION IN *O QUINZE* BY RAQUEL DE QUEIROZ

### ABSTRACT

This paper pertains to the body of research on the portrayal of women in the twentieth century. It examines the protagonist Conceição, a woman who defies the chauvinistic mores of her society, in *O Quinze* by Raquel de Queiroz. For its theoretical foundation, the study draws on works by Teles (1993), D'Incao (1990), and Barbosa (1999). Its objective is to examine how, in a culture hostile to women's freedom, education and literacy empower Conceição with knowledge, strength and independence. In addition, this paper aspires to contribute to future research on the depiction of women in Brazilian -- in particular Northeastern Brazilian -- society.

**Keywords:** women's emancipation, literacy, *O Quinze*.

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em letras língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Campus VI  
E-mail: [Eline17sg@hotmail.com.br](mailto:Eline17sg@hotmail.com.br)



## 1 INTRODUÇÃO

No início da década de 30 do século passado, a temática da seca no Nordeste ganha ênfase na literatura brasileira, com destaque para os problemas sociais que a estiagem causava. Então surgiram muitas obras classificadas como romances da seca, porém, os temas principais não se restringem apenas a falta de chuva. Outros temas centrais também são encontrados em toda a ficção como: amor, conflitos e disputa por poder. Com isso, muitas vezes, essa figuração, mais do que introduzir um cenário, apresenta um contexto social conforme efetivamente o enredo. Em *O Quinze*, de Raquel de Queiroz iremos entender o romance como sendo uma obra na qual a escassez de chuva de modo evidentemente é vista como tema principal. Desta forma, vale lembrar que é um romance de migração que problematiza o esvaziamento do sertão em consequência da catastrófica estiagem.

De um modo geral, os escritores dessa fase estão engajados em denunciar a realidade política e social da região e a pobreza e a fome que acometiam os nordestinos. Logo, os personagens criados são emblemáticos do tipo de sociedade que era representada nas narrativas de 30. Percebemos que era próprio dos escritores regionalistas utilizarem-se de suas obras para tecerem críticas às questões sociais que o país vivenciava.

Dentre as obras que surgiram nesse período e que ganharam destaque por se colocarem como armas de denúncia da situação de miséria, pobreza, e a fome que assolava o Nordeste, destaca-se o romance *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, obra que causou tamanho impacto, sobretudo por ter sido escrita por uma mulher, como registram as palavras-espanto de Graciliano Ramos abaixo:

O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria mesmo de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:

— Não há ninguém com esse nome. É pilheria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.

Depois conheci João Miguel conheci Raquel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João

Miguel e O Quinze não me parecia natural. (RAMOS, 1937 apud BUENO).

O enredo retrata, portanto, a vida sofrida das pessoas fugindo da seca, e o descaso do governo com os emigrantes. Logo, o romance conta o sofrimento de uma família de retirantes, a família de Chico Bento que precisou se deslocar a pé do interior rumo à capital em busca de melhores condições de vida. Nesse trajeto, a família acaba perdendo seus filhos, um por ter fugido com os ciganos e o outro que morreu após ter comido maniçoba crua. Em meio a esse cenário de fome, seca e morte, o outro eixo narrativo de *O quinze* é a história de amor mal sucedida entre Conceição e seu primo Vicente. Ela deixa de viver um romance com o primo e se dedica a projetos de ajuda humanitária, inclusive adotando o último filho da família de Chico Bento.

Sobre essa obra de Raquel de Queiroz, cristalizou-se toda uma fortuna crítica que a associa diretamente ao projeto ideológico dos escritores regionalista de 30, ou seja, a narrativa de *O Quinze* é lida como documento de denúncia de uma realidade social contra a qual se opunham escritores daquela época:

*O Quinze*, publicado em 1930 certamente o mais ruidoso sucesso do período, vai pôr em relevo a novidade que representa a simples colocação do operário. [...] o grande marco pela qual passaria o romance brasileiro na década de 30, porque foi capaz de constuir uma síntese de uma série de questões relevantes. No aspecto temático, ao trabalhar com dois planos de narrativa fortemente ligados a um grande problema, aquilo que chamamos aqui de apego à terra, Raquel de Queiroz pôde tocar no drama da seca, na condição feminina e no processo de urbanização que começava a se generalizar no país, a partir de uma história extereamente simples que pareceu a muitos críticos até simples de mais. Sem explicar bem o quer dizer, Afranio Coutinho, “afirma que o romance tem defeitos sérios de estruturação e psicologia, construção e narrativa” (COUTINHO, 1937 apud BUENO, 2006, p.48-51)

Acreditamos que o que incomodava alguns autores da geração de 30 fosse a sofisticação com que Raquel de Queiroz escreve o livro. Ou talvez, o sucesso que o livro teve ou mesmo, por ter sido escrito por mulher. Ou quem sabe, eles achavam que fosse simplesmente a história de uma simples professora e de uma família de retirantes.

Com uma escrita simples e de forma não rebuscada, *O Quinze* é uma obra de relevante sucesso, houve até quem duvidasse da autoria do “livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio de emoção – isso é a tal ponto que estive

inclinado a supor que D. Raquel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome”. (SCHMIDT, 1930, apud BUENO, p, 51)

Logo, percebemos que um dos aspectos que chama a atenção do leitor em *O Quinze*, é a problemática da ligação do homem com a terra. Esse apego a terra acontece não exclusivamente por parte da elite, notamos que na obra os personagens mostram-se resistentes em deixar as terras de origens no interior “as personagens pobres não tem ambiente próprio, apenas gravitam em torno daqueles que, de uma forma ou de outra, mais ou menos abastados, isso não importa, pertence à elite” Bueno, (2006). Dessa forma, evidenciamos que isso não é uma marca exclusivamente da elite. “É esse tipo de ligação com a terra que está na base da retirada de Chico Bento – a parte que faz o livro tematiza a desgraça das secas - ao mesmo tempo que é a causa direta da dificuldade amorosa de Conceição” BUENO (2006).

Embora tomemos esta obra como *corpus*, a nossa proposta de leitura não é endossar essa perspectiva já cristalizada na fortuna crítica sobre a obra. Interessa-nos estudar o referido romance a partir de um olhar para o qual o aspecto regionalista não nos servirá como operador de leitura, uma vez que nosso interesse é estudar tal obra a partir da personagem Conceição e procurar compreender como a relação que ela estabelece com a leitura e os livros a faz destoar do perfil de mulher socialmente referendado no Brasil dos anos 30. Em outras palavras, Conceição se configura como uma personagem transgressora? Em que medida se dá essa transgressão? Para responder a essas perguntas, nossa análise se assentará na leitura dos trabalhos de Teles, (1993), D’Incao (1990), Barbosa, (1999), os quais procuram estudar a relação mulher e sociedade no Brasil.

Embora outros trabalhos tenham se centrado na análise da personagem Conceição, a relação dela com a leitura e os livros não foi o foco de tais estudos e é isso que, a nosso ver, confere singularidade a essa personagem e, inclusive, garante que ela possa transitar socialmente sem que sofra coerções sociais, como a exigência de casar-se, já que o casamento era, dentro da lógica que regia a sociedade de então, o destino natural de toda mulher.

## **2 Leitura, Educação e Mulher *O quinze*, de Rachel de Queiroz**

É sabido que vem de longa data a luta das mulheres para terem visibilidade e acesso a direitos. Para serem reconhecidas como seres humanos em uma sociedade que

toma o masculino como referência em torno do qual tudo o mais gravita e em relação ao qual o feminino, as mulheres são representados como o outro. Nesse processo, sabemos o quanto as mulheres foram invisibilizadas e, em se tratando de mulheres de tempos pretéritos, vamos saber delas muito mais pelo que delas disseram os relatórios médicos, jornais e pinturas e não pelo que elas deixaram como escritos.

Ainda assim, algumas mulheres conseguiram romper os interditos sociais e nos legaram escritos que revelam sonhos, anseios, temores de ser mulher em uma sociedade que cultivavam como valores femininos o silêncio, o calar-se dentro de si, o confinamento à esfera privada do lar. Esse cenário de reclusão começa, paulatinamente, a ser rompido a partir das primeiras décadas do século XX, quando muitas mulheres passam a se organizar para a luta contra a falta de direitos e reconhecimento sociais.

Foram criadas organizações femininas com o propósito de defender a paz, a democracia e o combate à carestia de vida. Muitas mulheres se mostraram altruístas e corajosas aos encarar as duras lutas populares. Muitas perderam a vida no enfrentamento com as forças policiais [...] (TELES, 1993, p. 14).

A luta das mulheres pelo reconhecimento delas como cidadãs foi marcada por encontros, sofrimento e conquistas e tiveram como demandas o direito à educação, ao trabalho, ao voto, a não discrepância no campo de trabalho, ao reconhecimento e à igualdade de gênero, à implantação do uso da pílula anticoncepcional nos anos 60.

Na consecução de tais demandas, vamos perceber que o direito à educação foi um dos mais importantes porque muitas das mulheres não sabiam ler, tampouco, escrever e isso contribuía ainda mais para a discriminação social de que elas eram alvos, já que o destino social da mulher era o casamento e, para cumpri-lo, não precisariam ter educação formal, sobretudo a das classes menos favorecidas, as das classes altas tinham rudimentos de educação, aprendiam uma língua estrangeira, tocar piano, cantar. Bastava que soubessem como conduzir a casa, cuidar dos filhos, do marido e manter o lar sempre em harmonia.

Assim, percebemos que muito se fala acerca das mulheres e mesmo assim não se esgotam os estudos que são realizados sobre elas. Em diversos campos do saber, como: teoria de gênero, estudos das mulheres em sociedade, e outros, elas foram o foco de muitas reflexões. O estudo de gênero é uma das áreas que se volta para a compreensão das necessidades das mulheres em sociedade. Como advento do movimento feminista, mulheres lutaram em busca de terem direitos sociais reconhecidos. As mulheres

denunciaram a discriminação por acreditarem que era possível uma relação justa entre os sexos. Assim, percebemos que a luta das mulheres teve como demanda o reconhecimento de direitos civis, políticos e educativo, antes voltado apenas para os homens.

Dessa forma, as demandas das mulheres por reconhecimento passaram a ter mais visibilidade, e então os embates acerca dos valores do patriarcalismo tornam-se mais constantes. Dessa forma, os movimentos e as manifestações encabeçadas por mulheres contra as desigualdades gêneros, que as afetavam ganham força:

[...] o feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica às mulheres. [...]. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 1993, p.10).

Com isso, notamos que os movimentos que as mulheres traçaram foram em busca de reconhecimento, igualdade de gênero e de direito, em meio a uma sociedade que oprime e desvaloriza a mulher desde tempos pretéritos. Como nos mostra a história bíblica, na qual, diz que a mulher foi gerada da costela de um homem. E esse discurso perpassa séculos e até hoje está enraizado na mentalidade do povo. Ainda pensando em tempos passados, e voltando nossa reflexão para a igreja católica, podemos notar que as santas canonizadas são em números menores em relação aos santos, pois as condições dadas às mulheres eram muito mais difíceis de serem atendidas do que aos homens. Desta forma, os homens agiam, viajavam e evangelizavam, enquanto as mulheres ficavam postergadas ao recato, tendo que guardar sua virgindade e rezando a Deus para não cair em tentação, visto que o casamento era sagrado e a virgindade era considerada requisito fundamental e proporcionava à mulher status de valor.

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em público causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. (PERROT, 2007, p.17)

Analisando a citação acima, podemos inferir que a mulher foi subjugada a viver calada, a ser inferior, e isso por muito tempo, de certa forma, era uma punição à mulher por ser considerada pecadora. Posteriormente, quando elas começaram a frequentar

espaço e eventos sociais, tiveram que aprender a se comportar socialmente, pois estavam constantemente submetidas a avaliações e julgamentos, dos pais, dos esposos e da sociedade. Se por um lado elas tinham que se comportarem dessa maneira, mostrando sua postura perante a sociedade, por outro lado elas adquiriram um restrito lugar social, o que ainda não era o suficiente para serem reconhecidas como pessoas iguais. Assim, as mulheres oprimidas não poderiam viver livremente, tinham que atender as imposições do patriarcalismo.

Ainda assim, no século XXI, símbolo do progresso e apesar de todos os avanços adquiridos, ainda podemos ver que o pensamento machista, seja ele de cunho religioso ou social, provoca um grande distanciamento entre homens e mulheres. A mulher está lutando por espaço social, mas ainda enfrenta muitos preconceitos e enfrentam imposições que as relegam a lugares fixos de boas moças, boas esposas e consequentemente, boas mães

Durante muito tempo, a imagem do anjo do lar foi a representação literária do feminino em muitas obras escritas não só por homens quanto por mulheres, de maneira que tal representação atuava pedagogicamente dizendo qual o lugar socialmente referendado para o feminino: o lar. Em *O Quinze* (2009), vamos perceber que a protagonista, Conceição, destoa desse modelo de mulher. Primeiro, ela é uma mulher instruída, ou seja, não apenas sabe ler e escrever, mas, se vale da leitura e da escrita, como ferramentas para agir em sociedade, muitas vezes se contrapondo ao que era, tacitamente, tido como masculino e feminino. Ela é uma mulher cuja esfera de atuação não se restringe apenas ao lar, porque ela também circula e age no espaço público.

Conceição era órfã e por meio da leitura consegue mostrar que a mulher não precisa de um homem para obter ascensão social. Essa ascensão pode vir por outros meios. Enquanto se falava muito em casamento, acreditamos que a personagem Conceição entendia que a mulher conseguiria sua emancipação através da leitura, da obtenção do conhecimento e não necessariamente através de um enlace matrimonial:

As protagonistas de Raquel, em geral, não veem, por exemplo, a solução de seus problemas no casamento. Mostram se por vezes, críticas a essas instituições de base tradicional. Mesmo pressionadas, as protagonistas tentam encontrar maneiras alternadas de realizações, além daquelas permitidas. Maneiras que vão desde a profissionalização, até a busca por aventuras, viagens e outras paisagens, o deslocamento físico e passional. É uma negação que vai desde da conscientização e a não aceitação dos limites impostos até a ruptura total: transgressão (BARBOSA, 1999, p. 33-34).

Neste ponto, concordamos com o autor quando diz que as protagonistas de Raquel não veem no casamento uma saída para a solução dos problemas. Pois, elas se mostram fortes, determinadas o suficiente para conquistar a ascensão social por outros meios que não sejam o casamento, colocando-se assim muito além do seu tempo. A partir de Conceição, a escritora cearense mostra que o arrimo de uma mulher não precisava ser o marido, o pai ou qualquer outra figura masculina. A mulher poderia ser seu próprio sustentáculo desde que a ela tivessem sido oferecidas as condições necessárias para tal autonomia, o que passava, inevitavelmente, pelo acesso à educação. Mas não uma educação para a domesticidade e para a maternidade, mas para garantir o pleno desenvolvimento da mulher em sociedade de maneira que ela pudesse gerir a si própria porque a educação recebida deveria ser voltada para aprimorar-lhe as faculdades mentais, mas, sobretudo, garantir-lhe uma profissão, como pioneiramente advogava outra escritora, a paranaense Mariana Coelho:

Votando à desenvolvimento do principal assunto deste capítulo reafirmamos e reafirmaremos sempre, com inteira convicção, que a verdadeira e principal emancipação feminina é a do trabalho. A mulher educada no preparo de qualquer rendosa profissão – e ela tem provado, no respectivo desempenho, que a sua competência é igual à do homem – não tem receio do futuro, nem se preocupa com a ideia de que ele lhe proporcione um bom ou mau marido, nem mesmo a oprime a expectativa de não conseguir aquele que deseja. Amparada pela sua linda profissão, em vez de *aceitar* o ambicionado marido-arrimo, ela pode escolhê-lo, porque o seu trabalho lhe garante a independência, a felicidade. Seus progenitores não precisam mais expor a *mercadoria*, rodeando-a de todos os atrativos para a muitas vezes infrutífera *caça* (do que resultam quase sempre casamentos desastrosos), porque o seu futuro está garantido pelo seu trabalho. Se, como casada, não pode por qualquer circunstância, contar com o apoio do esposo, os filhos da sua alma estão a salvo da miséria pela sua profissão; e dentre todos os benefícios que dela resultam, ressalta ainda o principal – que completa a sua mais bela independência: salva-a da prostituição (COELHO [1933], 2002a, p.48-49; itálicos da autora).

No caso da protagonista de Rachel de Queiroz, ela pode ser vista como uma transgressora, uma vez que foge ao destino de mulher e não se insere, plenamente, na ordem do discurso patriarcal, uma vez que não vê no casamento o seu destino e buscou na educação o meio de autonomia e independência, ainda que para a avó de Conceição o casamento fosse o único destino da mulher:

[...] Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

— Esta menina tem *umas ideias!*

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô.

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais *ideias*, estranhas e absurdas à avó. (QUERIOZ, 2006, p. 14. Itálicos da autora).

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:

— e esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

Conceição riu de novo:

— isso não é romance, mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... (QUEIROZ, 2009, p.131)

Para Dona Inácia, a avó de Conceição, mulher solteira era algo impensável, um “aleijão”, visto que, podemos inferir, a mulher que se mantivesse solteira teria falhado com o projeto do patriarcado para o feminino, isto, ela não teria constituído família e, portanto, não poderia gerar os varões de que tanto se orgulha a sociedade patriarcal. Na família de Dona Inácia, ser uma mulher instruída não era algo valorizado, já que o acesso à leitura era algo temido porque poderia desvirtuar a mulher, incutindo-lhe ideias que não eram condizentes com o projeto patriarcal para as mulheres. Se a mulher viesse a ter instrução, fosse algo muito rudimentar, que lhe servisse apenas para mera distração e não para despertar a consciência da opressão e da injustiça de que eram vítimas as mulheres:

Para algumas a “vida traduzias em ler romances”, outras gostavam de aparecer mimosas e elegantes na janela ou dedica-se aos cuidados com as flores. Há também as que recebiam aulas de francês, desenho ou aritmética ou as que, para ajudar no sustento, tinham de trabalhar fazendo doces, costurando ou dando aulas particulares. Em suma, ocupavam-se de vários afazeres, conquanto não fossem ‘pesados demais para cabeça feminina’ (ASSIS, 2004, p.54).

Como podemos perceber nas palavras de Assis (2004), a educação ofertada às mulheres era diferente da que se oferecia aos homens e essa diferenciação se tornava mais drástica, conforme fosse a classe social em que o sujeito estivesse inserido. Se da classe média, os homens tinha aulas de retórica, aritmética enquanto às mulheres



recebiam lições elementares de língua nacional, de aritmética, de religião, de bordados e costuras, além de noções de francês e de geografia. Caso as mulheres pertencessem às classes menos abastadas, elas “[...] comumente ajudavam as mães, fitando algodão e comercializando uma redezinha. Por vezes amassavam barro e imitavam as mais hábeis no fabrico de potes e panelas”. (ROMINELLI, 2004, p. 21). Logo, a educação recebida não contribuía para a emancipação da mulher. Pelo contrário, ajudava na manutenção das estruturas hegemônicas de poder, uma vez que, não sendo libertadora, essa educação reiterava que, assim como suas mães, as filhas delas deveriam continuar na mesma esfera de dominação, realizando os mesmos trabalhos manuais, sem outra perspectiva de futuro.

Em outras palavras, na ausência de educação fomentava-se a discriminação social entre os sexos porque se reiterava o pensamento de que as mulheres não tinham condições de exercerem outras atividades que exigiam o exercício do intelecto e não apenas as mãos. Com isso, disseminou-se a ideia de que o homem era detentor do saber, o que facilitava o “poder” que eles tinham sobre as mulheres, atribuído a eles a condição de donos do saber e reforçando uma ideia errônea de inferioridade feminina.

Dessa forma, através da educação, percebemos em Conceição uma mulher transgressora, pois com apenas vinte e dois anos ela já lecionava “Afinal, Conceição é uma professora em Fortaleza cujas raízes familiares estão no sertão, onde ela vai passar as férias, já que lá ainda vive sua avó (BUENO, 2006, p.49)” Como podemos ver, Conceição se diferenciava das demais, pois a independência não era comum a todas as mulheres da época. Apesar de ser muito jovem, ela já desempenhava um papel importante na sociedade, o magistério, em uma época em que se tinha uma sociedade predominantemente latifundiária, onde a massa era iletrada e submissa, Conceição acreditava numa educação voltada para o lado humanitário, que viabilizasse uma condição de transformação de uma sociedade. E é através do conhecimento que Conceição desempenha com grandeza papéis sociais, como a ajuda humanitária nos campos de concentrações, “foi Conceição quem os descobriu, sentados pensativamente debaixo do cajueiro [...] procurava descobrir aquelas caras conhecidas, que deviam vir bem chupadas e bem negras, provavelmente irreconhecíveis, com sua casca grossa de sujeira” (QUEIROZ, 2009, p.93).

Assim, Conceição se disponibilizava em ajudar as pessoas e procurava acudir principalmente os seus conterrâneos, já que conhecia de perto o sofrimento que aquelas

peessoas estavam vivenciando. Notamos que é a partir do conhecimento que ela possuía que vem toda essa desenvoltura para ajudar na resolução dos problemas sociais:

Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer... O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:  
— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre.  
(QUEIROZ, 2009, p.114).

Dessa maneira, constatamos que Conceição não apenas possuía um diploma, mas também detinha outras competências, como conhecimentos de mundo, pois além de ter domínio de conteúdo para ensinar, ela também tinha uma capacidade de analisar criticamente o que estava acontecendo ao seu redor. Por isso, além dos conhecimentos formais, ela também se mantinha integrada à realidade social na qual estava inserida. Dessa forma, percebemos em Conceição uma posição social de maior destaque, pois, para ela, o ensino deveria englobar não apenas conhecimentos escolarizados, mas tudo aquilo que seria necessário para o desenvolvimento do sujeito enquanto ser pensante. Assim, percebemos a partir da personagem, um dos fatores que determina a ascensão social do indivíduo é sua relação com o saber. Com isso, notamos em Conceição uma mulher à frente do seu tempo, uma mulher que transgredia as regras de uma sociedade predominantemente machista, em que se via a mulher como sendo incapaz de exercer cargos de maior importância.

Acerca da importância da educação na transformação dos sujeitos e, para reiterarmos a importância da educação na emancipação de Conceição, é preciso que reiteremos que a educação vem tornando-se firme desde o final do século XIX e início do século XX no Brasil, como fator fundamental para o desenvolvimento da nação, por isso, acredita-se numa melhoria da qualidade de vida tanto individual quanto social, e nesse sentido é que a educação passa a ser vista cada vez mais como forma de ascensão social, como podemos perceber nas palavras abaixo:

Tornou-se senso comum apontar a educação como fator de reconstrução social. Por extensão, universalizou-se também a associação de educação à escola, à modernidade, à cidadania, e ao desenvolvimento social. Palavra mágica no discurso cotidiano, a educação passou a ser vista como elemento-chave no combate a todos os males do corpo e da alma, os transtornos da ausência de sentido para a vida, as aflições de um cotidiano atormentado por exclusão social, preconceito, violência, desemprego, crise de valores, ausência de limites, etc. (SOUZA, 2007, p. 7).

Nesse sentido, concordamos com o autor quando diz que a educação é um fator de desenvolvimento social, pois além de benéfica também é necessária ao país, uma vez que, sendo transformadora, ela irá beneficiar a todos por igual, sem distinção de classes, além disso, a educação tem objetivo de formar pessoas qualificadas para o mercado de trabalho, dessa forma tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma sociedade:

[...] a educação afetava e era afetada por todas as outras áreas: a vida familiar, a ideologia política e as ações do poder público. A educação, portanto, não poderia ser deixada à parte nesse processo de descoberta de uma época e na construção da história das mulheres que a viveram e que também contribuíram para a sua transformação. (CAVALCANTE, 2011, p.14).

Diante disso, como verificado no fragmento, é notório a importância e a contribuição que a mulher deu em prol da transformação da sociedade no século XX. Em meio a uma época em que o discurso sobre a educação da mulher deveria ser voltada para as atividades domésticas, pois para a sociedade, a mulher ir em busca do saber era contrário à natureza feminina.

Raquel de Queiroz era filha de intelectuais e , ainda muito jovem, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Foi também a primeira mulher a receber o Prêmio Camões. Assim como sua personagem Conceição, talvez uma espécie de alter ego seu, a escritora também adentrou a esfera da literatura e da escrita com pouca idade, transgredindo as normas da época. E no romance *O Quinze*, Raquel de Queiroz nos apresenta Conceição, como uma moça que expõe o gosto pela leitura, inclusive leituras que tratem sobre emancipação feminina e igualdade de gênero. Para a época, isso era muito raro, pois as obras era voltadas ao público masculino. Já para as mulheres, quando a leitura era permitida, era a de obras frívolas que pouco poderiam ajudar no desenvolvimento intelectual e na percepção das estruturas de opressão em que elas estavam inseridas. Logo, as leituras realizadas por Conceição diferiam do que era permitido socialmente. Era, pois, leituras que poderiam comprometer porque visavam à emancipação do sexo feminino, mostrando que o destino da mulher não era apenas o casamento e a maternidade.

Em outras palavras, percebemos que Conceição tinha consciência do papel transformador da leitura. Por isso, vivia rodeada de livros: “Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros” (QUEIROZ, 2009, p.13). Notamos que Conceição

diferentemente das demais mulheres de sua época fazia suas próprias escolhas, ela quem selecionava o que iria ler, como podemos perceber no fragmento que segue.

Conceição riu de novo:

— Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...

— De que trata? Você sabe que eu não entendo francês...

Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais ideias:

— Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema...

Dona Inácia juntou as mãos, aflita:

— E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros?

Novamente o riso da moça soou:

— Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar...

— E só para isso, você vive queimando os olhos, emagrecendo...

Lendo essas tolices... (QUEIROZ, 2009, p. 131).

Desta forma, notamos que Conceição diferia das outras mulheres de seu tempo, pois, além de ter conhecimentos intelectuais sobre temas tabus na sociedade, ela também tinha o domínio de língua estrangeira, mas tudo isso para a avó não significava nada, pois Dona Inácia acreditava que as leituras realizadas por Conceição eram tolices, pouco edificantes dentro do paradigma do que era ser mulher para Dona Inácia, avó de Conceição. Com isso, constatamos no pensamento de Dona Inácia como o tradicionalismo e patriarcalismo foram predominantes e isso nos remete a uma sociedade repleta de interditos e preconceitos quanto à participação da mulher para além das treliças do lar.

Conceição não só lia, como também escrevia: “Conceição talvez tivesse umas *ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos” (QUEIROZ, 2009, p. 14), o que revela por parte dela a importância da apropriação dessas tecnologias/ferramentas sociais, sobretudo em um país onde o acesso à leitura e à escrita foi, durante muito tempo, prerrogativa apenas masculina. Ao escrever um livro de pedagogia, Conceição, certamente, está se inserindo no campo da produção do conhecimento intelectual ao passo que, rabiscando sonetos, ela está inserindo-se na esfera literária. Ambas as esferas foram espaços de exclusão para o feminino ao longo da história de nosso país. Conceição, ao ler e escrever, está demonstrando que mulheres que leem e que escrevem são perigosas porque desafiam, e em alguns casos podem vir a romper, as estruturas hegemônicas de poder. Para a avó, Dona Inácia, essa autonomia

de Conceição incomodava porque era, na opinião da avó, um absurdo uma moça com apenas vinte e dois anos pensar em escrever livros. Para Dona Inácia, o normal seria uma moça nessa idade pensar em casar, mas Conceição não via, como já dissemos, no casamento um futuro promissor. Ela preferia continuar solteira.

Conceição é uma jovem intelectual que gostava de acompanhar as tendências e se destacava com sua maneira diferente de ser: “[...] Conceição sempre considerada superior no meio das outras, e que se destacava entre elas como um lustro de seda dentro de um confuso montão de trapos de chita” (QUEIROZ, 2009, p. 49). Esse comportamento diferenciado de Conceição contrariava os interesses da avó que sonhava em ver a neta casada. Conceição quase se insere na ordem do discurso oficial, uma vez que chegou a apaixonar-se pelo primo Vicente, mas a história de amor logo teve um fim. Conceição opta por viver lendo livros e se dedicando a projetos sociais em detrimento de viver uma vida à moda tradicional sujeitando-se às vontades de um marido:

Foi à estante. Procurou, bocejando, um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesa, junto ao farol.

Aqueles livros — uns cem, no máximo — eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite. (QUEIROZ, 2009, p. 12.).

Assim, podemos evidenciar através da personagem uma postura emancipadora, pois Conceição tinha acesso a uma diversidade de livros, herdados da biblioteca do avó: “Já sei quase tudo decorado! Levantou-se, foi novamente ao armário. E voltou com um grosso volume encadernado que tinha na lombada, em letras de ouro, o nome de seu finado avô, livre-pensador, maçom e herói do Paraguai” (QUEIROZ, 2009, p. 11). Percebemos que Conceição tinha uma vasta quantidade de livros, e isso não era comum a todas as mulheres que faziam parte do seu convívio social. Dessa forma, ela nos faz perceber que o exercício do magistério e da leitura a fazia uma mulher livre para poder fazer as próprias escolhas:

— Está muito pobre essa estante! Já sei quase tudo decorado!  
Levantou-se, foi novamente ao armário. E voltou com um grosso volume encadernado que tinha na lombada, em letras de ouro, o nome de seu finado avô, livre-pensador, maçom e herói do Paraguai. Era um tratado em francês, sobre religiões. (QUEIROZ, 2009, p. 12).

A dedicação de Conceição com a leitura é símbolo da emergência de uma nova mulher, uma mulher independente que decide sobre suas escolhas e, por isso, emancipada e transgressora. Durante todo o enredo, a personagem se mostra segura de si, assumindo as rédeas da própria vida sem a anuência de alguém que não ela mesma. Conceição é, pois, um exemplo de mulher bem resolvida que não fez do casamento o seu destino, nem se dobrou ao destino das mulheres da sua geração, abdicando de outros prazeres para dedicar-se à leitura porque os livros eram o que ela mais apreciava, já que a protagonista é um intelectual em uma seara onde o conhecimento não vicejava porque a era inculta, ressequida de ignorância e preconceitos sob cuja égide muitas mulheres intelectuais feneceram.

Notamos na personagem um diferencial que a faz ser uma mulher desafiadora que resiste às imposições da sociedade e vê na escrita um meio de expor seus pensamentos e ideias. Assim, mostrando-se uma mulher firme em suas escolhas.

Conceição nos mostra que não podemos pensar a figura feminina como um ser passivo que não lutou contra as injunções sociais. Ela se impõe e desafia sua época. Não teme em ir contra aos preceitos ditados do seu tempo. Logo, percebemos que ela se lança em um mundo até então considerado exclusivamente masculino – o do conhecimento –, e dessa forma consegue através das leituras transpor o espaço de submissão criado pela ideologia patriarcal e mostra que o lugar da mulher é onde ela quer.

Mas para chegar a essa autonomia e lutar para que não lhe seja usurpada, Conceição teve na leitura a sua grande arma, mostrando que, para uma sociedade patriarcal, uma mulher que lê e escreve é perigosa porque desafia as normas impostas, questiona as naturalizações e reivindica vez e voz quando a regra geral era o silenciamento. Acreditamos que personagens como Conceição podem atuar pedagogicamente mostrando que quanto mais a mulher tiver instrução ela será capaz de refletir e entender a realidade social em que está inserida e, conseqüentemente, terá maiores condições de agir sobre essa realidade. A leitura foi para muitas mulheres arma de resistência às opressões sociais.

Não é à toa que Conceição é representada como professora. O magistério foi uma das primeiras funções ocupadas pelas mulheres na busca pelo direito ao espaço público e ao trabalho. Era, pois, uma atividade longe de qualquer suspeita da qual muitas mulheres se apropriaram para, de dentro do sistema patriarcal, lutar contra as opressões do próprio sistema. No fim das contas, Conceição não se curvava às

determinações do meio social em que estava inserida. Ela via na leitura uma forma de libertação, o que era contrário ao pensamento da avó:

Sentada na espreguiçadeira da sala, Conceição lia, com os olhos escuros intensamente absorvidos na brochura de capa berrante.

Na paz daquela manhã de domingo, um silêncio doce tudo envolvia, e algum ruído que soava logo era abafado na calma sonolenta. Maciamente, num passo resvelado de sombra, dona Inácia entrou, de volta da igreja, com seu rosário de grandes contas pretas pendurado no braço.

Conceição só a viu quando o ferrolho rangeu, abrindo:

— Já de volta, Mãe Nácia?

— E você sem largar esse livro! Até em hora de missa!

A moça fechou o livro, rindo:

— Lá vem Mãe Nácia com briga! Não é domingo? Estou descansando. (QUEIROZ, 2006, p. 130).

No fragmento, podemos observar a dedicação de Conceição aos livros. Ela abre mão de outras atividades para empenhar-se à leitura. No entanto, a leitura não é a preferência de dona Inácia, a avó de Conceição, pois ela quer a neta participando da missa, em vez de estar lendo livros. Mãe Inácia representa a tradição e os valores contra os quais Conceição se opõe. Notamos que, ao contrário da maioria das mulheres, Conceição não cedia à imposição que a sociedade estabelecia. Ela era professora e tinha uma biblioteca diversificada, herdada das leituras feitas pelo avô, portanto, leituras masculinas, coisas que dona Inácia achava um absurdo, pois para ela a mulher tinha por obrigação o casamento e não a realização de leituras.

Dona Inácia era o antípoda da mulher moderna que buscava por liberdade. Logo, à religiosidade de dona Inácia contrapõe-se ao conhecimento de Conceição. Com isso, Conceição continuava sua emancipação por meio das leituras, sem levar em consideração as regras da avó, e se interessava por livros que tratassem “da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema...” (QUEIROZ, 2009, p. 131). Dessa forma, observamos que, no contexto social em que vivia Conceição, a mulher não precisava ter muita instrução. Nada que a instigasse a pensar. Quando a educação passou a ser uma reivindicação feminina, ela foi ofertada, mas não da mesma forma que era ofertada ao sexo masculino. Para as mulheres, a educação recebida era deficitária. Era algo voltada para o desenvolvimento das habilidades manuais e não intelectivas. Por isso, a prática da leitura era vista como perigosa e muitos livros foram interditas para as mulheres.

Nesse cenário, Conceição, por ter tido acesso à educação, foi contrária à dominação imposta às mulheres de seu meio, constituindo-se, de certa forma, em uma exceção. Sua postura era contrária ao modelo feminino reproduzido no contexto social do século passado. Dessa forma, desconstruía as orientações das instituições públicas que formavam a opinião social e “[...] contribuiu na redescoberta das mulheres como atrizes sociais – em revelando seus objetivos, os conflitos nos quais estão implicadas e a vontade de ser “sujeitos” de suas próprias existências”. (TOURAINÉ, 2007 *apud* MORAIS, 2018, p. 20).

Assim, estudar as representações femininas via literária é uma forma de compreendermos como a sociedade delimita os espaços de ação para o masculino e para o feminino. Nesse processo, vamos enxergando como houve resistência de algumas dessas mulheres que, mesmo muitas vezes de modo inconsciente, fizeram parte de ações que resistiam aos ditames da sociedade e se opunham à dominação masculina.

A postura de Conceição e da própria escritora Raquel de Queiroz, frente à sociedade, provocou uma mudança em relação aos valores da figura feminina, suas experiências como sujeitos sociais foram além dos limites tradicionalmente impostos à classe feminina. Ela através da leitura mostrou-se firme em sua autonomia enquanto sujeito, e não mais apenas como uma simples mulher às margens da sociedade em que estava inserida. Assim, assumiu as rédeas e se fez protagonista de sua própria história. A nosso ver, Conceição representa a força feminina e a busca por igualdade. Ela é, pois, aquela mulher que sabe ao onde quer chegar, que demonstra saber e competência para transitar nos espaços sociais legitimados apenas como esferas do masculino. Ela traz aspectos de igualdade de gênero, mostrando que homens e mulheres podem exercer as mesmas funções sem que percam espaço na sociedade. Portanto, Conceição apresenta mudanças significativas referentes à representação feminina.

### **3 Considerações finais**

A leitura de *O Quinze* nos possibilitou entender a trajetória de Conceição, e suas experiências enquanto mulher transgressora, dando ênfase às questões feminina que comandavam o século passado. Com isso, durante o estudo notamos que Raquel de Queiroz mostra, a partir da personagem Conceição, um modelo de mulher que não se



curvou aos ditames de uma sociedade patriarcal e, a partir da educação, da leitura e do ofício de professora, abriu caminhos para sua emancipação.

Desta forma, pudemos perceber que sua participação se fez presente em diversos setores da sociedade. Em meio a costumes e entraves sociais que acometiam as mulheres, Conceição mostrou sua independência enquanto mulher, nos deixando marcas positivas na representação feminina e um legado de sabedoria, coragem e autenticidade que ecoa nos discursos feministas de hoje. Ela é um modelo de mulher que transpôs as barreiras da aceitação e expôs os pensamentos de muitas mulheres que, submissas, ainda se mantinham presas aos espaços do lar e às imposições da lógica patriarcal.

Assim, constatamos em Conceição traços de subjetividade de uma mulher transgressora frente às imposições de gêneros. Ela não só conseguiu transgredir a esfera do patriarcalismo, como também atuou efetivamente como mulher, profissional e intelectual, nos mostrando que, apesar de ser oriunda de uma família patriarcal, ela ganhou notoriedade como mulher de opinião, mas, sobretudo, de conhecimento, de leitura.

Conceição foi uma mulher que lutou contra as obrigações impostas ao feminino e contra, portanto, o cumprimento de um destino alheio aos desejos e anseios de muitas mulheres. Como vimos, ela começou sua batalha dentro da própria casa quando não foi de acordo com os ditames da avó e renunciou ao matrimônio como destino, projeto de vida. Além disso, Conceição não ficou presa à esfera do privado. Ela passou a transitar no espaço público, área de atuação do masculino.

Conceição não cedeu às imposições da sociedade e se mostrou, portanto, uma mulher à frente do seu tempo, sem medo da sociedade e disposta a se impor em todas as circunstâncias, dessa forma, contrariando os valores tradicionais da sociedade em estava inserida e que apregoava que o destino de mulher era casar e ter filhos. Conceição mostrou que não precisava casar-se para viver nem para ter filho, já que ela acaba adotando o filho de uma retirante e, assim, por meio da maternidade transferida, pôde experimentar a vivência da maternidade.

## Referências

ANDRADE, Jaline Tomáz de. **Aspectos políticos e sociais em O Quinze de Raquel de Queiro**. Catolé do Rocha, 2014, p, 28.

BARBOSA, Lúcia Dias Leite. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Pontes, 1999.

BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.607- 639.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: UNICAMP, 2006, p. 31-157.

CAVALCANTE, Iane Ferreira. **Mulheres e letras: representações femininas em revistas e romances das décadas de 1960 e 1970**. Salvador: EDUFBA: 2011, p.14.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**. 1. ed. 1930. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

D'INCAO, Maria Ângela. **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 223-240.

Disponível em: <<https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/11.CesarRotaJunior.pdf>>  
Acessado: em 04\set\2 019 hora: 18:49

Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>  
Acessado em: 15\set\2019 hora; 08:00

MORAIS, Michele Andrade de. **As faces de Eunice: mulher e representação no Cariri Paraibano** – Monteiro: 2018, p.45.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** -São Paulo: Contexto,2007.

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze Raquel de Queiroz**. - 86<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009, p. 11-157.

RODRIGUES, Flaine Kelly Feitoza. **Rompendo as fronteiras de gênero: uma leitura do protagonismo feminino na animação fílmica Moana: um mar de aventuras**. Monteiro, 2018.

SOUSA, Karla Cyntya Lima de. **Conceição e a luta incansável pelo livre arbítrio da mulher**. Catolé do Rocha, 2016, p. 22.

TELES, Amélia, Almeida de. **Breve história do feminismo no Brasil**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1993, p. 401- 442.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p.7-125.